



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DLI

THAYSSA VALDEANNE ALMEIDA SANTANA

**A COMPREENSÃO DO USO DA PONTUAÇÃO A PARTIR DA LEITURA DO
CONTO A *PEQUENA SEREIA* DE ANDERSEN**

ITABAIANA – SERGIPE

2022

THAYSSA VALDEANNE ALMEIDA SANTANA

**A COMPREENSÃO DO USO DA PONTUAÇÃO A PARTIR DA LEITURA DO
CONTO A PEQUENA SEREIA DE ANDERSEN**

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC), apresentado ao
Departamento de Letras/ DLI da
Universidade Federal de Sergipe,
Campus prof. Alberto Carvalho,
como requisito de obtenção do
título de Graduada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo
Carvalho da Silva

ITABAIANA – SERGIPE

2022

“Que todos nossos esforços estejam sempre focados do desafio à impossibilidade. Todas as grandes conquistas humanas vieram daquilo que parecia impossível” (Charles Chaplin).

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, pelo dom da vida, por me permitir viver este momento ímpar e por sempre conduzir os meus caminhos.

À Nossa Senhora, minha Mãe, por me sustentar até aqui e me amparar.

Aos meus pais, Nadja e Jairo, que não mediram esforços para que esse momento acontecesse, por sempre estarem comigo e por me amarem tanto.

Aos meus irmãos Raissa, Thales e João, por me transmitirem forças para que eu pudesse continuar.

Aos meus avós, Salvador (*In memoriam*) e João Antônio (*In memoriam*), sei que de onde estão, estão orgulhosos de mim.

Às minhas avós, Maria e Lourdes, por sempre me acolherem e me tratarem com muito amor.

À minha amiga Alice, que durante todos esses anos foi minha dupla em tudo e sempre esteve ao meu lado, me incentivando, quando pensei em desistir.

Às minhas conterrâneas e companheiras de curso, Camila, Grasielle e Renata, por confiarem em mim, pela amizade e pela parceria durante nossa caminhada na UFS.

A todo o corpo docente do DLI – Itabaiana, que contribuíram com o meu crescimento profissional e pessoal.

À prof^ª. Adriana Sacramento, por nos ajudar neste período.

Por último e não menos importante, ao meu orientador prof. José Ricardo Carvalho da Silva, que compartilhou comigo seus conhecimentos e me orientou durante esta fase.

Enfim, minha gratidão a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para que esse momento se tornasse realidade.

Resumo

De acordo com Rocha (1997), o uso da pontuação está associado à oralidade, causando uma interação comunicativa entre o leitor e autor. Podemos dizer que o ensino da pontuação tem se visto de forma restrita, pois o livro didático utilizado nas escolas restringe este ensino a um ou dois sinais. Essa pesquisa tem como objetivo, investigar como se dá o ensino da pontuação nas escolas, relacionados aos gêneros textuais. Tendo em vista a importância da reflexão da leitura e escrita nas escolas, o presente trabalho busca analisar a importância do uso dos sinais de pontuação na construção de sentido e compreensão do texto, a partir da leitura e reescrita de um trecho retirado do gênero textual conto intitulado “*A Pequena Sereia*”, de Hans Christian Andersen. Diante disso, este escrito expõe análises que diz respeito ao ensino-aprendizagem do uso da pontuação segundo o ponto de vista enunciativo. Perante o referencial teórico abordado, a metodologia desta pesquisa está vinculada aos estudos de Bakhtin, Bronckart, Marcuschi, Rocha e Jolles. Para realizar tal estudo, assumimos como princípio metodológico a pesquisa-ação que visa incluir o ensino da pontuação de forma mais detalhada de acordo com a série associado ao gênero textual conto. Nesse processo, apresentamos atividades relacionadas ao gênero conto, que contribuem para o uso dos sinais de pontuação durante a escrita, dentro de uma Sequência Didática (SD) aplicada a uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II da escola pública municipal de Moita Bonita - SE.

Palavras – chave: Escrita. Leitura. Pontuação. Conto.

Abstract

According to Rocha (1997), the use of punctuation is associated with orality, causing a communicative interaction between reader and author. We can say that the teaching of punctuation has been seen in a restricted way, because the textbook used in schools restricts this teaching to one or two punctuation marks. This research aims to investigate how punctuation is taught in schools, related to textual genres. In view of the importance of reflection on reading and writing in schools, the present work aims to analyze the importance of using punctuation marks in the construction of meaning and understanding of the text, from the reading and rewriting of an excerpt taken from the textual genre short story entitled “The Little Mermaid” by Andersen. Therefore, this writing exposes analyzes regarding the teaching-learning of the use of punctuation according to the enunciative point of view. In view of the theoretical framework discussed, the methodology of this research is linked to studies of Bakhtin, Bronckart, MarcusChi, Rocha and Jolles. In order to carry out this study, we took action research as a methodological principle, which aims to include the teaching of punctuation in more detail according to the series associated with the textual genre short story. In this process, we present activities related to the short story genre, which contribute to the use of punctuation marks during writing, within a Didactic Sequence (DS) applied to a class of the 6th grade of Elementary School II at the municipal public school from Moita Bonita -SE.

KEY WORDS: Writing. Reading. Punctuation. Short Story.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EMTSS – Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

LD – Livro Didático

SD – Sequência Didática

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

QUADRO 2 – USO DA PONTUAÇÃO ENUNCIATIVA

QUADRO 3 – AULAS DESENVOLVIDAS NO 6º ANO “C” DA EMTSS

QUADRO 4 – AULAS 6º ANO “C”

QUADRO 5 – TEXTOS (RE)ESCRITOS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. HISTÓRIA DA PONTUAÇÃO.....	11
1.1 A pontuação do ponto de vista enunciativo.....	13
1.2 A pontuação no Livro Didático.....	15
2. GÊNEROS TEXTUAIS E SEU ENSINO	18
2.1 O gênero conto.....	20
2.2 Conto <i>A Pequena Sereia</i>	22
2.2.1 A pontuação no conto <i>A Pequena Sereia</i>.....	23
3. PRINCÍPIOS TEÓRICOS – METODOLÓGICOS.....	25
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	38

INTRODUÇÃO

É importante lembrar que a leitura e escrita é um grande valor quanto à interação social. A escrita representa uma atividade interacional e a leitura é uma forma de apropriação do conhecimento e explora a reflexão. Nos tempos atuais, o ensino da leitura e da escrita faz-se complexo e necessário, pois a internet e o celular tornaram-se essenciais nas relações sociais, substituindo a escrita e leitura, em alguns casos como por exemplo um diálogo no WhatsApp no qual usa apenas áudio, deixando de lado a interação entre o leitor e o texto escrito.

O objetivo geral deste trabalho busca analisar a escrita, observar como é orientado o uso da pontuação aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, bem como avaliar o desempenho dos alunos ao adquirir o conhecimento e absorver o conteúdo. Os objetivos específicos buscam analisar a relação entre professor e aluno; avaliar como é trabalhada a escrita e o uso da pontuação na sala de aula durante o processo de aprendizagem; e compreender as dificuldades dos alunos no quesito de produção textual e emprego da pontuação, para que se possa melhorar os pontos nos quais os alunos venham a ter dificuldades, além de estimular a escrita.

A metodologia adotada para a conclusão desta pesquisa será uma pesquisa-ação com a descrição e análise da coleta de informações (neste caso, os textos escritos pelos alunos) a partir de um relato de experiência baseada em pesquisas bibliográficas baseadas em estudiosos como Bakhtin ([1979] 2003), Bronckart(2006), MarcusChi (2008), Rocha(1997), entre outros. O objeto do relato de experiência será a vivência em sala de aula, seguindo a dinâmica do ensino-aprendizagem na série acima já citada da Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos, no município de Moita Bonita, no agreste Sergipano. A interpretação dos dados coletados se dará a partir dos conceitos correlacionados ao Interacionismo Sociodiscursivo segundo Bronckart, a interação do sujeito com um determinado gênero – conto de fadas, e a reescrita.

A SD é desenvolvida a partir da observação de como o professor transmite o conteúdo para o aluno, como os alunos se comportam ao receber o assunto e como se dá a sua compreensão.

1. HISTÓRIA DA PONTUAÇÃO

Na Antiguidade, os sinais gráficos de pontuação foram inseridos na escrita de forma inoportunamente vagarosa, mas já se notava a utilização da pontuação na fala quando os autores davam uma pausa para respirar enquanto declamavam suas obras.

Para Rocha (1997), a função da pontuação estava intimamente correlacionada às pausas para respiração e o autor não tinha obrigatoriedade de pontuar o texto, mas sim o leitor ou escriba – pessoa responsável por escrever o texto que o autor ditava. A priori, o sistema de pontuação na escrita já era utilizado somente entre os gregos e romanos e, mais tarde, foi incluído na escrita dos outros povos. Inicialmente, os gregos utilizavam os sinais de pontuação com uma separação entre dois enunciados completos ou entre partes de um enunciado incompleto. Mais tarde, começaram a utilizá-los de forma que cumprissem as funções semântica (completude de enunciado) e prosódica (necessidade de respirar).

Nos escritos gregos da antiguidade, *um ponto no alto* significava que o enunciado estava completo; *um ponto embaixo* correspondia a um enunciado incompleto e *um ponto no meio*, a necessidade de respirar durante a leitura. A autora destaca, ainda, que os romanos se baseavam nos manuscritos gregos para incluir os sinais de pontuação. A exemplo disso, os romanos empregavam um tipo de vírgula, *diástole*, o ponto, o travessão e até mesmo o hífen como forma de indicar uma separação. No entanto, Rocha (1997) notou que havia uma particularidade que destacava os romanos dos demais povos: o uso da leitura oral e silenciosa e a escrita sem segmentação e a escrita segmentada.

Durante o período da Idade Média, Rocha (1997) salienta que o uso dos sinais de pontuação fora expandido e desenvolvidos a partir da pulsação respiratória. Outrora, no final do século XVI, os signos de pontuação já se faziam presentes nos escritos, como o *periodus* [;], indicando uma pontuação e os dois-pontos [:]. Contudo, o grande marco da história da pontuação está situado no final do século XV, com o surgimento da imprensa tornando obrigatório o uso da pontuação.

A passagem do manuscrito para a imprensa constituiu uma revolução tecnológica sem precedentes na história da humanidade. A descoberta da composição e da impressão com caracteres móveis provocou a estandarização do texto escrito e a massificação da leitura visual. E com elas veio a imposição do uso de signos de pontuação de domínio público. O advento da imprensa trouxe consigo caracteres e marcas inequívocas da pontuação, fazendo aparecer, de forma explícita, uma série de funções até então ao arbítrio dos escribas e pedagogos. Agora não era mais possível ignorar a segmentação, pois que havia uma marca de espaço programada no aparato para imprimir o texto. Assim também os signos de pontuação empregados

passaram a ser cunhados em metal, não deixando dúvidas quanto à sua necessidade. Outros recursos gráficos de apresentação e formato também vieram a compor o arsenal utilizado no ato de imprimir em prensa ou em prelo, dando maior legibilidade ao texto. (ROCHA, 1997, s/p.)

Rocha (1997) conclui que o uso dos sinais de pontuação se divide em dois fatores principais: 1- diz que a pontuação não está associada à fala; 2- estabelece que a pontuação, como um sistema gráfico, está subordinada à oralidade, cumprindo as funções básicas de *semântica*, *sintática* e *prosódica*, tendo em vista a necessidade de conseguir textos mais coerentes, coesivos e mais organizados, de forma que haja uma interação entre o legente e o autor e uma boa compreensão pela parte do leitor.

QUADRO 1 – EMPREGO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Ponto final	<ul style="list-style-type: none"> • Empregado em finais de períodos.
Ponto e vírgula	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizada para separar orações de períodos longos no qual já exista vírgula; • Separar itens de enunciado, leis ou regulamentos.
Dois pontos	<ul style="list-style-type: none"> • Usado em exemplificações; • Antes de citações dou declarações de outra pessoa; • Antes de orações apositivas.
Vírgula	<ul style="list-style-type: none"> • Usada para separar elementos de enumeração; • Para separar vocativos; • Para separar orações intercaladas; • Para separar adjuntos adverbiais; • Indicar um verbo subentendido; • Separar expressões explicativas; • Separar datas de lugares.
Ponto de interrogação	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizado para indicar uma pergunta direta.
Ponto de exclamação	<ul style="list-style-type: none"> • Pode indicar surpresa, ordem, admiração, espanto.
Reticências	<ul style="list-style-type: none"> • Indicam interrupção de pensamento.
Parênteses	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizado para intercalar expressões e/ou palavras.
Travessão	<ul style="list-style-type: none"> • Indica uma mudança de interlocutores nos diálogos; • Isola frases ou palavras; • Destaca enunciados.
Aspas	<ul style="list-style-type: none"> • Destacam palavras ou expressões; • Usada antes e depois de citações de frases de terceiros.

(ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, livro do professor, apêndice, p. 277 e 278)

1.1 A pontuação do ponto de vista enunciativo

A pontuação desempenha um importante papel na construção de um texto, deixando explícito o seu sentido. No entanto, o uso dos sinais gráficos de pontuação é pouco estudado em sala de aula, não têm a ênfase que deveria ter. O professor passa apenas poucas regras para que os alunos as memorizem e utilizem-nas ao escreverem frases soltas, deixando a desejar o desenvolvimento da competência comunicativa e textual ao escreverem textos que necessitam de uma pontuação mais elaborada.

Tanto no contexto oral quanto no escrito a pontuação se faz necessária para uma questão de auxiliar na oralização do escrito e nos aspectos sintáticos. Portanto, ao pontuar um texto, o autor mostra a finalidade com que foi produzido, garantindo que o leitor tenha um bom entendimento e não causar um efeito ambíguo de sentido, havendo uma boa relação entre os sinais de pontuação e os gêneros textuais. Pontuar é, portanto, estabelecer padrões quanto ao emprego dos signos a fim de alcançar um desígnio, sempre ponderando três situações:

- 1- Quando a pontuação é considerável na produção de sentido do texto escrito;
- 2- Em que hora, nos textos literários, a pontuação cumpre um padrão sintático-semântico ao mesmo tempo que busca um indicador rítmico-semântico;
- 3- E na ocasião em que há uma subversão das normas gramaticais já correntes, acompanhando a intenção que produz e o gênero a que pertence.

Do ponto de vista enunciativo, a pontuação é segmentada em dois contextos: monologal e dialogal (também chamada de polilogal). No contexto monologal, a pontuação enunciativa busca estabelecer uma interação leitor-autor, assumido por um único locutor, enquanto no contexto dialogal ou polilogal, o uso da pontuação é empregue com função de citação ou diálogo, apresentando duas ou mais falas.

Em seus escritos, Dahlet (2006) mostra a pontuação como sinais visíveis que, dependendo da função que desempenha, pode ser considerado como um indicador de *sequencialização* ou de *enunciação*. O primeiro está relacionado ao grau sintagmático seguindo parâmetros sintáticos, semânticos e discursivos; já o segundo, relaciona-se à interação com o co-enunciador.

Dahlet (2006) fundamenta a classificação da pontuação enunciativa a partir de uma perspectiva pragmática e de enunciação. A autora destaca que o uso dos sinais de pontuação “decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e que,

lê.” (Dahlet, 2006, p.24), interação entre sujeitos que têm pleno controle no seu dizer. Ela pontua, ainda, que a pontuação é baseada em uma heterogeneidade nos textos infantis evidenciando a relação entre os signos com o que o outro quer dizer e a relação da criança com a língua e com o outro, caracterizando, desta forma, a mudança da escrita infantil.

No plano textual, de acordo com Bronckart (2012), podemos encontrar segmentos monologal durante um turno de fala e segmentos dialogal durante a alternância de falas. Todavia, existe alguns monólogos que são cumpridos em situação polilodal e vice-versa, a exemplo disso podemos citar um diálogo entre personagens dentro de um discurso principal, causando um certo efeito de sentido sem distorcer o discurso principal.

Por ser uma necessidade de interação social, a língua, que está em constante evolução, sofreu variações que modificaram seu ensino em atividades relacionadas ao histórico-cultural a ao entrosamento comunicativo social.

QUADRO 2 – USO DA PONTUAÇÃO ENUNCIATIVA

	CONTEXTO MONOLOGAL	CONTEXTO DIALOGAL
1. Hierarquizadores discursivos	Dois pontos Travessão Parênteses	Dois pontos Travessão Parênteses
2. Indicadores referenciais	Aspas autonímicas Aspas conotação autonímica	Aspas autonímica Aspas conotação autonímica
3. Sinais de citação		Aspas Itálico Colchetes
4. Marcadores expressivos	Itálico Maiúscula contínua Negrito Travessão	
5. Marcadores de interação	Ponto de interrogação Ponto de exclamação Reticências	
6. Sinais de conduta de diálogo		Maiúscula contínua Itálico Ponto de interrogação Ponto de exclamação Reticências

(DAHLET,2006, p. 168)

2.2. A pontuação no Livro Didático

É de conhecimento geral que, hodiernamente, tem sido orientado o ensino da Língua Portuguesa nas salas de aula tanto no eixo da leitura quanto nas produções textuais e nas análises linguísticas. Sendo assim, é importante o ensino do uso dos sinais de pontuação, revelando como usar cada um, além de contribuir para a qualidade do ensino-aprendizagem da língua materna.

O uso da pontuação nas produções textuais é de suma importância na construção de sentido para que seja explícito o que quer ser dito para que não haja uma ambiguidade de sentido. No entanto, há um grande número de alunos que não operam de forma adequada os sinais de pontuação, seja numa produção mais elaborada ou até mesmo numa frase simples. “A pontuação é um sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas.” (BECHARA, 2015, p. 264)

É relevante que o professor tenha um olhar que reflita na aprendizagem do estudante, desenvolvendo atividades como forma de exercitar o conteúdo, influenciando na perspectiva da leitura ou não. Nesse interim, a pontuação utilizada de forma correta, durante uma leitura, despertará o interesse do locutor em continuar a ler, da mesma forma que uma pontuação empregada de forma errônea não chamará a atenção do leitor.

Com esse propósito, surge a necessidade de praticar o uso dos sinais de pontuação, em sala de aula, junto a utilização dos gêneros textuais, assumindo um enfoque textual de práxis discursiva. O Livro Didático (LD), dispõe algumas abordagens a respeito da pontuação, recorrendo a estratégias – por parte do professor – que complementem aquilo trazido no LD, ratificando o uso desses sinais. Observamos o Livro Didático **Tecendo Linguagens**, publicado pela IBEP em 2018, escrito por Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, usado pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos (escola onde foi realizada a pesquisa).

No livro em questão, as autoras buscam atender às competências e habilidades propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abrangendo diversas áreas linguísticas que tratam dos princípios básicos da língua como coesão, coerência, morfossintaxe, classe de palavras, além da pontuação e ortografia.

O livro é organizado em quatro unidades que trazem os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula em cada uma. Apresenta um programa de leitura e compreensão textual atribuído aos mais variados gêneros textuais e com temas corriqueiros do cotidiano. São propostas bem elaboradas que estão presentes na seção “Prática de Leitura”.

O exemplar traz a seção “Reflexão sobre o uso da língua” que faz uma abordagem mais aprofundado referente aos aspectos orais e escritos da língua, trazendo atividades relacionadas ao assunto visto anteriormente. Há, também, a seção “De olho na escrita” que oferece atividades relacionadas à grafia bem como um segmento com enfoque na produção textual pertinente ao gênero apurado no capítulo.

Quanto ao ensino do uso da pontuação, o livro trata do assunto na unidade, unidade IV, já no último capítulo denominado “Diversidade cultural”, a partir da página 250.

Sobre o uso dos sinais de pontuação, o livro traz, exclusivamente, o uso da vírgula (,) na seção “De olho na escrita”. As organizadoras iniciam a temática dizendo que é comum encontrar a vírgula separando o sujeito do predicado. Em seguida, explica que essa informação está equivocada e que não é necessário utilizar a vírgula para separar aqueles, mesmo querendo dar uma pausa entre eles.

Posteriormente, as autoras citam três situações em que a vírgula é empregada:

- Para isolar substantivos próprios relacionados com um determinado, seguidos de uma data, como em cabeçalhos, por exemplo.
Ex.: Maceió, 12 de setembro de 2018.
- Enumerar termos com a mesma função em uma frase.
Ex.: Uma fantasia, um adereço, uma máscara, e pronto!
- Separar orações coordenadas que não estejam ligadas por nenhum conectivo, em períodos compostos.
Ex.: É uma oportunidade para fazer coisas que normalmente não faríamos: dançar na rua, virar super-heróis, falar com desconhecidos, carregar na maquiagem, inventar uma performance.

(ARAUJO; OLIVEIRA, 2018, p. 251)

Discutido esses pontos, as autoras propõem uma atividade com três questões. Percebemos que, em todo o livro, os assuntos estão sempre interligados a um gênero textual. No caso do uso da vírgula, está associado ao gênero notícia.

Na primeira questão, é trazido uma notícia. Nela, alguns trechos estão em negritos dos quais foram retiradas as vírgulas. Pediu-se que os alunos reescrevessem os trechos pontuando-os de acordo com o que fora visto.

[...]

Fazem parte do Bumba Meu Boi a brincadeira a música a dança e as artes cênica e plástica.

[...]

[...] a manifestação é dividida em cinco estilos principais, conhecidos como sotaque: Matraca Orquestra Zabumba Baixada e Costa-de-mão.

[...]

[...] tem os bois dos encantados tem o boi ligado aos terreiros tem o ligado à religião católica o dos festejos de Minas Gerais. O boi é batizado depois morre ressuscita.

(ARAUJO; OLIVEIRA, 2018, p. 251 e 252)

Na questão seguinte, a partir das regras para o uso da vírgula, é pedido que os alunos justifiquem o seu emprego nos trechos em destaque da questão anterior.

A última questão determina que o aluno leia o título de uma notícia (indicado na questão) e justifique o uso inadequado da vírgula.

Bumba Meu Boi, concorrerá ao título de Patrimônio Cultural da Humanidade.

(ARAUJO; OLIVERA, 2018, p. 252)

Como o livro didático aborda somente o uso da vírgula, é necessário que o professor ofereça aos alunos uma didática extra. Ao final do livro do docente existe um apêndice, no qual oferece um conteúdo a mais para determinado assunto. No caso da pontuação, as autoras trazem mais nove sinais de pontuação que são: o ponto final (.), o ponto e vírgula (;), os dois pontos (:), extras sobre a vírgula (,), o ponto de interrogação (?), o ponto de exclamação (!), o travessão (–), parênteses (()), reticências (...) e aspas (“ ”).

2. GÊNEROS TEXTUAIS E SEU ENSINO

Bakhtin (1997) afirma que a interação social se dá através das práticas sociais por meio da linguagem. Para tanto, é necessário que o falante domine os gêneros discursivos, permitindo-lhes uma competência comunicativa, seja qual for o meio social.

É preciso dominar bem os gêneros textuais para empregá-los livremente. [...] Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, [1979], 2003, p. 285).

O autor caracteriza os gêneros quanto ao conteúdo temático; a construção composicional que se remete à estrutura textual, às características macro textuais; e ao estilo, que se trata dos recursos lexicais e gramaticais do gênero. “A própria definição de estilo, em geral, e de estilo individual, em particular, exige um estudo mais profundo tanto da natureza do enunciado quanto da diversidade de gêneros discursivos.” (BAKHTIN, [1979], 2003, p. 265), como os gêneros de ficção que seguem uma forma padronizada. Vale salientar que, para Bakhtin, cada gênero possui seu estilo próprio, sendo capaz de exteriorizar a personalidade individualista do leitor ou do escritor, em relações com a língua materna.

Bakhtin ([1979] 2003) classifica os gêneros textuais quanto a sua heterogeneidade: os gêneros primários e os gêneros secundários. O primeiro diz respeito a assuntos denominados não formais, as situações cotidianas, como diálogos diários com família, amigos ou diálogos online em conversas de aplicativos como *WhatsApp*; o segundo exige uma linguagem mais formal em assuntos mais complexos como artigos científicos, teses dissertativas, assuntos políticos, culturais e/ou artísticos, gerando uma divisão entre língua-sistema e língua-discurso.

O autor releva, ainda, a interação comunicativa do falante: a intencionalidade do discurso possui uma particularidade e subjetividade que são adaptadas ao gênero optado para discursar, nomeando enunciações concretas produzindo uma comunicação discursiva entre o meio social em que o enunciador convive.

Marcushi (2002) também faz algumas afirmações quanto aos gêneros textuais. Ele diz que estes se caracterizam como eventos dinâmicos e maleáveis que sempre estão em foco e se renovam a cada dia, devido às necessidades socioculturais acordada com a intenção de seu uso e interferência na comunicação diária.

O pesquisador define gênero como todos os textos encontrados em todo nosso cotidiano e nossa vida. São caracterizados por funções sociocomunicativas, cognitivas, institucionais e por objetos, estilo e funções enunciativas. Argumenta que os gêneros textuais devem ser trabalhados em sala de aula para que os discentes entendam seu funcionamento dentro da sociedade e compreendam suas relações para com outros indivíduos e outros gêneros dentro de um mesmo ou diferente meio cultural.

Após a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo ser aceita no Brasil, em meados dos anos 80, houve mudanças significativas sobre como é aprendida a língua oral e escrita nas escolas. Isso deveu-se ao fato de que a escola não gerava leitores capazes de interpretar, criticar e refletir sobre um escrito relacionado a um determinado assunto. Assim, o texto foi se tornando cada vez mais um objeto trabalhado como um pilar na aprendizagem não só dos gêneros, mas também da comunicação.

Salienta-se que a identificação e classificação dos gêneros textuais resulta de uma série de fatores sociais e linguísticos, levando em conta o intuito que o texto foi escrito. Desta forma, os gêneros podem ser determinados a partir de proposições estáveis com instrução na sua organização textual relacionadas à fundação dos elementos e às práticas de linguagem em situações sociocomunicativas, contribuindo para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas. Dolz e Schneuwly (2002) ponderam os gêneros como formas ‘megainstrumentais’ levando em consideração três dimensões:

1) os conteúdos e os conhecimentos que se tornam dizíveis por meio dele; 2) os elementos das estruturas comunicativas e semióticas partilhadas pelos textos reconhecidos como pertencentes ao gênero; 3) as configurações específicas de unidades de linguagem, traços, principalmente, da posição enunciativa do enunciador e dos conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura. (DOLZ e SCHNEUPLY, 2004, p. 64).

Destarte, o ensino dos gêneros textuais nas escolas é imprescindível, uma vez que esses fazem parte da prática de interação comunicativa social cotidiana, além de permitir a assimilação entre a linguagem e o meio social e cultural em que o estudante está inserido.

2.1. O gênero Conto

O conto é uma forma literária que foi determinada a partir da publicação do livro “*Os livros da Mamãe Ganso*”, em 1717, de Charles Perrault que escrevia histórias a partir de narrações ouvidas no meio em que vivia, modificando alguns detalhes de modo que agradasse a corte francesa, tornando a narrativa mais interessante. Além dos contos de Perrault, a coletânea dos Irmãos Grimm, reuniu toda a diversidade já existente, tornando-se a base para as coletâneas vinda posteriormente, no século XIX e valorizou a fantasia seguindo firme a estrutura do conto. Assim, o conto é um tipo de gênero textual que introduz uma discussão de princípios sobre a língua e a poesia, viabilizando a conclusão e introdução às Formas Simples.

Nos escritos dos irmãos Grimm, eles nos apresentaram dois termos essenciais para o entendimento do conto: 1) a poesia de natureza, caracterizada pela criação verdadeira e 2) a poesia artística, marcada por uma criação mais elaborada. Para tanto, Charles Perrault apresenta seus contos, no final do século XVII, que fora conquistando a literatura do século XVIII, substituindo o romance. Durante o século XVIII, o conto assumiu o papel de uma arte na qual reuniam-se dois direcionamentos: o maravilhoso e o amor ao verdadeiro e natural; tendo uma relação justa e mútua que buscavam alcançar o verdadeiro e o natural. “As leis de formação do conto são tais que, sempre que ele é transportado ao universo, este transforma-se de acordo com um princípio que só rege esta forma e só é determinante para ela.” (JOLLES, 1976, p.194)

Para o autor Jolles (1976), um conto é uma história simples, que pode ser contada por qualquer pessoa e com suas próprias palavras, desde que contenha uma verdade, dando-lhes a sensação de realização de cunho pessoal. Nas Formas Simples, ‘a própria palavra’ trata-se de palavras da própria forma, ou seja, palavras de cunho fluido e renovador; já nas Formas Artísticas, aquelas combinam-se com palavras do próprio poeta.

No que se refere os contos de fadas, estes surgiram a partir de narrações orais de contos populares, principalmente folclóricos, passados de geração em geração, e a partir disso foram se modificando.

Por conseguinte, os contos de fadas exercem o papel de relatos fantasiosos advindos de sonhos, pensamentos ou alucinações, que seriam impossíveis de materializá-los na vida real. Posto isso, os contos de fadas são uma maneira de escapismo da realidade tanto para crianças quanto para adultos, além de influenciar no posicionamento diante os problemas que os cercam no dia-a-dia e contribuir com o desenvolvimento criativo da criança, como forma de expressar suas emoções.

Outrossim, por manusear a linguagem mental, os contos de fadas podem auxiliar em tratamentos terapêuticos e em várias outras situações de conflitos interiores, auxiliando na sociabilização, na reconstrução mental e na formação do caráter infantil.

2.2 A Pequena Sereia

Os contos maravilhosos descritos por Andersen nos mostram um mundo poético, onde quem o lê coloca-se no lugar do protagonista, sentindo e vivendo todas as suas emoções. Uma das características que o destaca no meio da literatura infantil é utilizar sempre animal que apresenta, em seus escritos, um comportamento de desejo humano, igualando as emoções, as alegrias e os sofrimentos quanto a perspectiva de vida no meio social. Suas temáticas dissertam o amor idealizado e não correspondido, assim como o caminho árduo para alcançar a vitória.

O conto “*A Pequena Sereia*” foi escrito por Hans Christian Andersen e publicado em 1837. Desde então, o conto sofreu grandes críticas devido ao seu desfecho triste, tendo várias adaptações até resultar no tradicional filme da Walt Disney “*A Pequena Sereia*”, em 1989.

Seu enredo é baseado na vida de uma sereia, a mais nova entre 6 (seis) irmãs, que ao completar 15 (quinze) anos de idade nada até a superfície e lá encontra um príncipe pelo qual se apaixona. Tendo uma feição diferente dos humanos, a jovem sereia vai a procura de uma feiticeira do reino, com quem ela faz um pacto: a sereia lhe entregaria sua bela voz e suas características em troca do amor do príncipe. Assim fez-se: a sereia tornou-se humana e foi até o império do rei para tentar conquista-lo. No entanto, ao encontrar o príncipe em seu reino, ela teve a infeliz notícia que o príncipe já estava prestes a se casar. Com isso, o acordo fora cumprido, a sereia transformara-se em espuma e fora lançada ao mar.

Ao lermos esse conto, vamos refletindo a nossa vivência e vendo que o verdadeiro serve como inspiração artística. Outro ponto que podemos relacionar com a nossa realidade é quando *A Pequena Sereia*, como é chamada, vai contra estereótipos indo em buscar de outro corpo para alcançar a sua felicidade. Além do mais, se contrapõe ao conformismo e não segue as regras do pai.

2.2.1. A pontuação no conto “*A Pequena Sereia*”

Na caracterização dos contos de fadas, é importante pontuar algumas diferenças do conto fantástico e do conto maravilhoso. No conto maravilhoso, a verdade e o devaneio não se mesclam. Já no conto fantástico, o imaginário está associado ao real, exigindo uma relação entre o leitor e os personagens.

Desta forma, o conto de fadas é considerado uma variante do conto maravilhoso, tendo em vista os acontecimentos ilusórios descritos no decorrer do texto que não despertam surpresas ao leitor, mas sim transmite conhecimentos à geração e podem ser contados de formas diferentes mantendo o mesmo enredo e significado do que quer ser passado. Nesse viés, o conto de fadas é estruturado seguindo a seguinte forma:

- 1- Introdução;
- 2- Enredo;
- 3- Foco narrativo;
- 4- Complicação;
- 5- Personagens;
- 6- Tempo;
- 7- Espaço;
- 8- Clímax;
- 9- Desfecho.

A pontuação faz-se necessária pois é considerada um elemento que estabelece sentido ao texto, conecta as informações presentes e marca a coesão e coerência textual.

No conto de fadas “*A Pequena Sereia*”, o uso da pontuação estabelece uma relação dialógica que indica o tempo, os falantes, os finais de frases, dentre outros, possibilitando ao leitor uma expectativa ao continuar a leitura. É marcado pela presença de dois pontos (:) e travessão (-) que indicam discursos diretos e as falas dos personagens.

O travessão, no conto, é utilizado para marcar o discurso do outro, a fala dos personagens, dando sequência aos fatos:

– Eu sei muito bem o que você quer – disse a bruxa.

É notório a presença do uso da vírgula de muitas maneiras:

- Separando elementos de enumerações

As luzes das cidades, as torres das igrejas, os pássaros voando em bando, as crianças nadando na praia, as casas rodeadas de árvores carregadas de frutos.

- Separando vocativos e orações intercaladas

A velha rainha, sua avó, colocou uma grinalda de lírios brancos em sua cabeça, e a sereiazinha acenou alegremente enquanto subia à superfície.

O ponto de exclamação (!) também está presente no escrito:

- Indicando uma ordem

– Venha, irmãzinha! - disseram as princesas.

- Mostrando uma admiração

O convés estava tão bem iluminado que ela viu um jovem príncipes. E como ele era bonito!

O ponto de interrogação (?) está exposto na situação em que é feito indagações.

– Por que nós não temos uma alma eterna? – perguntou a Pequena Sereia.

O ponto (.) é utilizado nos finais de frase, finalizando uma ação.

Quando anoiteceu, ela chegou à praia. Bebeu então a poção ao luar e desmaiou de dor.

Podemos perceber a utilização de outros sinais de pontuação, que não são muito frequentes comparados a estes citados acima, como o ponto e vírgula, dois pontos e aspas.

3. PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Saussure (In Bronckart 2006) afirma que a língua é um sistema abstrato que se realiza por meio de frases. Assim, a língua é definida como um conjunto de signos linguísticos comuns a grupo, composto por imagens acústicas (significante) e por um conceito (significado). Bakhtin ([1979] 2003), no entanto, assume uma proposta de interação verbal realizada em uma esfera social. Para este autor, o signo é determinado por um ato resultante de uma interação social aprofundando a relação palavra-ideologia: a palavra pertence ao campo ideológico valorativo na qual é enunciada.

Seguindo os princípios bakhtinianos, o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), fundado por Jean-Paul Bronckart, busca explicar questões associadas às produções verbais humanas e às análises linguísticas. Assim, o funcionamento comportamental humano está correlacionado à atividade e as ações languageiras: o primeiro, diz respeito à dimensão sociológica e histórica humana, e o segunda, à linguagem.

Bronckart (2006) defende que as práticas languageiras são de extrema importância para o desenvolvimento humano e domínio das capacidades de linguagem. Portanto, Bronckart conclui que a atividade de comunicação, nos seres humanos, é elaborada a partir de signos comuns compartilhados em um mesmo grupo que dão origem a sons permitindo, desta forma, a comunicação. Os signos, por sua vez, funcionam como representações interacionistas, denominadas como mundo representado, relativos ao mundo objetivo. Envolve, ainda, os conhecimentos coletivos convencionais entre os membros do mesmo grupo social e cada sujeito vai reformulando esses conhecimentos e agregando aos seus princípios do mundo subjetivo.

Para que possamos entender melhor o ISD, retornaremos aos conceitos teóricos de Bakhtin, Saussure e Vygotsky, tendo em vista a importância destes para a conclusão das feitas por Bronckart. Para Bronckart (2006), o ISD relaciona-se à linguagem com as práticas sociais por meio de gêneros. No que diz respeito a ação, a dimensão psicológica humana remete ao resultado da apropriação individual, revertendo em atividades sociais mediadas pela linguagem, seguindo uma ordem: atribuição de um motivo/intenção ao agente, gerando uma responsabilidade referente a seu modo de agir.

A Sequência Didática foi desenvolvida a partir de observações de como o professor trabalha com a turma em sala de aula, com a finalidade de possibilitar aos alunos a compreensão da importância da pontuação na construção de sentido nas produções textuais. É uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos (EMTSS),

localizada no município de Moita Bonita, em Sergipe. A classe é formada por 27 alunos, entre eles 1 aluno autista, 1 com depressão e 2 com transtorno de ansiedade. É uma turma um pouco difícil de se lidar, creio que por falta de incentivo dos pais, boa parte dos alunos não prestam atenção nas aulas, não fazem as atividades e mesmo com uma forma de ensinar diferente (filme, música ou outro tipo de atividade) eles não se concentram.

Apesar da turma toda participar da atividade proposta, foi escolhido 4 alunos que mais se destacaram quanto ao uso da pontuação perante um ditado de um trecho do conto “*A Pequena Sereia*”. Segue abaixo a SD.

QUADRO 3 – AULAS DESENVOLVIDAS NO 6º ANO “C” DA EMTSS

OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO
Gênero textual conto: caracterização, circulação, finalidade, intencionalidade, intertextualidade.	EM13LP01 - Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações. EM13LP15 - Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de	- Aulas expositivas/dialógicas em sala de aula; - Debate na sala de aula; - Leitura de alguns contos disponibilizados no LD; - Atividade interpretativa presente no LD.	- Atividades mediadas pelo professor, reconhecendo os desafios de aprendizagem dos discentes, de modo que as dificuldades sejam superadas; - Exercícios reflexivos; - Participação nas aulas; - Prova escrita somativa

Pontuação	concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir. EM13LP46 - Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.		
Pontuação	EM13LP06 - Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.		

As aulas eram, exclusivamente, às segundas-feiras durante o 1º, 2º e 5º horário e nas sextas-feiras no 2º e 3º horário.

QUADRO 4 – AULAS 6º ANO “C”

Apresentação do conteúdo	<p>1º semana: 5 aulas, cada uma com duração de 50 min cada</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentar o gênero textual conto e identificar as dificuldades do aluno na compreensão do conteúdo abordado; ✓ Leitura de contos presentes no Livro Didático Tecendo Linguagens; ✓ Resolução de questões de compreensão textual; ✓ Discussão sobre o gênero abordado.
Exploração da temática	<p>2º semana: 5 aulas com duração de 50 min cada</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura do conto de fadas “<i>A Pequena Sereia</i>”, de Andersen; ✓ Roda de conversa sobre o conto lido; ✓ Proposta de reescrita de um trecho escolhido pela turma, a fim de observar o conhecimento prévio dos alunos a respeito do uso da pontuação. A atividade se deu da seguinte forma: a estagiária Thayssa (eu) leu o conto para a classe; após a discussão a turma escolheu a parte que mais lhes chamou atenção. Feito isso, foi realizado um ditado do trecho, no qual os alunos deveriam colocar a pontuação onde achasse necessário.

Pontuação	<p>3ª semana: 5 aulas com duração de 50 min cada.</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Discutir os sinais de pontuação, sua utilização na construção de sentido e sua importância nos textos;✓ Além dos tópicos trazidos no livro didático, foi passado para os alunos alguns sinais de pontuação que não aparecem no LD;✓ A pontuação em prática: resolução de exercícios dispostos no livro didático. <p>4ª semana: 3 aulas com duração de 50 min cada.</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Foi pedido aos alunos que reescrevessem o que fora escrito anteriormente, agora fazendo as correções na pontuação colocada, adicionando ou removendo;✓ Bom desempenho na atividade.
Prática da pontuação	

4. ANÁLISE DO CORPUS

A atividade foi desenvolvida a partir de uma pesquisa-ação. Elliott (1990), define a pesquisa – ação como o estudo de uma situação social a fim de melhorar a sua prática pedagógica; além de ser uma atividade (re) produzida por grupos sociais determinados, com a finalidade de transformar a realidade em que vive. No pensamento de Elliott, a pesquisa - ação se constitui numa prática reflexiva que valoriza os valores do processo, assumindo uma dimensão ética e filosófica.

Deste modo, a pesquisa-ação, neste escrito, tem como intenção aguçar, nos alunos, a escrita, a utilização da pontuação como produção de efeito de sentido, bem como a leitura e a produção textual. A incumbência foi posta em prática numa turma do 6º ano vespertino, do Ensino Fundamental da Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos, localizada na cidade de Moita Bonita, em Sergipe. Como eu estava dentro do período do Estágio Supervisionado, dispus de mais tempo para concretizar a pesquisa. Todos os conteúdos vistos em sala de aula foram embasados pelo LD.

No primeiro momento de contato com os alunos, me apresentei e pedi que cada um se apresentasse. Após isso, partimos para o assunto: foi perguntado aos alunos se já conheciam os gêneros textuais, seus tipos e se já ouviram falar sobre o conto. Alguns alunos participaram de forma positiva, dizendo que já estudaram alguns gêneros como romance, biografia e autobiografia, mas que já escutaram sobre os contos. Expliquei para eles alguns conceitos básicos como o que é, sua estrutura e como é caracterizado o conto fadas.

Na aula seguinte, fizemos um círculo na sala de aula, e foi lido o conto “*A Pequena Sereia*” em voz alta por mim. Em seguida, foi aberta uma roda de conversa, na qual os alunos puderam falar o que mais gostou da história, se já haviam escutado/visto a história e o que mais lhes chamaram atenção.

Alguns alunos não quiseram participar da roda de conversa e preferiram não falar. Outros participaram ativamente. Lembro-me que um aluno questionou o porquê deste conto não ter um “final feliz”, então respondi que nem sempre os contos terão finais felizes, o “final feliz” é uma forma de atenuar o final.

Outra aluna, pontuou que assistiu ao filme, uma versão da Walt Disney e que é uma narração diferente da que foi lida e, no final da história, a sereia, chamada de Ariel no filme, é “feliz para sempre com o príncipe”.

Por conseguinte, os alunos escolheram um trecho que mais lhes chamaram atenção: o momento em que a *Pequena Sereia* se transformou em espumas, fazendo cumprir o acordo que fizera com a bruxa e ela ganha uma alma por saber amar. Esse trecho é importante porque mostra que nem sempre o amor vence e que nem tudo é como queremos. Apresentamos aqui o trecho....

A sereiazinha ergueu-se da espuma, e seu espírito juntou-se aos demais.

– Aonde estou indo? – perguntou. Sua voz era doce como adas almas.

– Aos céus, com os espíritos do ar! – responderam as almas. – Você não possuía alma, mas, como nós, consegui uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.

[...]

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus. Ao flutuar sobre o barco, ela viu o Príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar, como se soubesses que ela havia jogado nas ondas. Invisível, ela beijou o Príncipe e sorriu para ele. Então, juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

(ANDERSEN, 2018)

O trecho foi ditado pela professora sem nenhum tipo de pontuação e foi pedido que eles fossem empregando a pontuação de acordo com o que eles sabiam até o momento. Apresentamos aqui a escrita scaneada de 5 alunos, com a suas devidas hipóteses de pontuação.

A partir dessa análise diagnóstica, foi trabalhado em sala de aula o uso dos sinais de pontuação. Como o Livro Didático explorava apenas a vírgula, foi necessária uma pesquisa dos outros principais tipos de pontuação como o ponto final, travessão, ponto de interrogação e ponto de exclamação. A partir da atividade proposta, a mente dos alunos já foram se abrindo a respeito do assunto, eles puderam tirar suas dúvidas e diferenciar os sinais.

Novamente, foi pedido aos alunos que reescrevessem o mesmo trecho, mas agora eles iriam corrigir a pontuação que eles mesmos colocaram. Outros, iriam empregar a pontuação, visto que escreveram o trecho sem nenhum tipo.

Ao escrever o trecho em questão, ditado pela professora, a aluna A (anexo I) utilizou pouquíssimos sinais de pontuação empregando corretamente o ponto de interrogação “onde esto indo?” e o ponto final em alguns finais de frase. Quanto ao uso da vírgula, esta não foi empregue em nenhum momento. Além dos erros sintáticos, há um número significativo de erros gramaticais como “vois”, “diresão”, “prinsipe”, para voz, direção e príncipe, dentre outros.

A sereiazinha ergueusi da espuma e, seu espitiro juntosi ão demais onde esto indo? Perguntou sua vois era doçi como a das aumas ão céu com o espíritos do ar respondeu as aumas! Você não posuia auma mais como nois conseguiu uma. Porque tinha um coração que sabe ama e de duar.

A sereiazinha ergeu o seu braço em diresão ão sol de deus ão futruar sobre o barco ela viu o prinsipé e sua esposar olhando pesarosos para o mar como se soberssi qui ela ouvia jogado nas ondas envisivo ela beijo o prinsepi e sorriu para ele então juntose ão espirito do ar subio numa nuvir rosa que passava e comeso sua jornada.

Podemos perceber que foi usado somente uma vírgula, um ponto de interrogação e um de exclamação, deixando muito a desejar. Não há a presença do travessão indicando as falas dos personagens.

A aluna B (anexo II), empregou a pontuação em todo o trecho, mesmo sem ainda ter visto o conteúdo. Utilizou o ponto de interrogação; vírgula onde ela achou necessário naquele momento; dois pontos para mostrar que alguém iria falar; e o ponto final para finalizar um período. Senti a falta do travessão para indicar as falas dos personagens. Vale ressaltar que esta aluna explicou, quando foi pedida a atividade, que tem muita dificuldade em relação ao uso da pontuação e não sabia onde e como usar cada um. Há pouquíssimos erros ortográficos, somente uma questão de acentuação.

A sereiazinha ergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais, aonde estou indo? Perguntou, sua voz era doce como a das almas, aos céus com os espíritos do ar, responderam as almas: você não possuía alma, mas como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa, olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas invisível ela beijou o príncipe e sorriu para ele, então juntou-se aos espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

Esta aluna, antes disso, pontuou que tinha muita dificuldade quanto ao uso da pontuação, que sabia pouco e o básico. É uma boa aluna e está sempre atenta às aulas. Percebemos, no transcrito acima, a utilizou a vírgula de forma correta em alguns lugares como “Responderam as almas: você não possuía alma, mas como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.” Ela, ainda, utilizou os dois pontos para indicar que alguém iria falar, mas esqueceu-se do travessão para indicar a falar.

A aluna C também (anexo III) deixou muito a desejar: utilizou vírgulas onde não deveria; ponto antes de finalizar a oração; falta de parágrafo e travessão. No entanto, empregou o ponto de interrogação corretamente. Possui muitos problemas gramaticais. Como os outros alunos, também indicou que um personagem iria falar utilizando dois pontos.

A sereiazinha hergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais. Aonde estou indo? Perguntou, sua voz era doce como a das almas, ao céus com os espíritos do ar. Responderam as almas: você não possuía a uma mais conseguiu uma. Por que tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha hergueu seus braços em direção ao sol de deus. Ao flutuar sobre o barco ela viu o príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar como se soubessem que ela avia jogado nas hondas invisível ela beijou o príncipe e sorriu para ele. Então juntou-se aos espíritos do ar subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

Podemos perceber que, no primeiro parágrafo, ela ainda fez o uso da pontuação, mesmo que de forma errônea. Já no segundo parágrafo, ela não utilizou nenhum tipo de ponto.

O aluno D (anexo IV) tem uma desenvoltura melhor com a pontuação, porém trocou alguns sinais, como ao invés do travessão, ele usou aspas para indicar a fala do personagem. Além do mais, possui uma boa grafia e foi encontrado pouquíssimos erros ortográficos.

A sereiazinha ergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais, “aonde estou indo?” perguntou, sua voz era doce como a das almas, “aos céus com os espíritos do as, responderam as almas: você não possuía alma, mas como nós, consegui uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa, olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas, invisível ela beijou o príncipe e sorriu para ele, então juntou-se aos espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

É perceptível que este aluno gosta de utilizar a vírgula e emprega-a em lugares inadequados, em lugares em que necessita de um ponto final (.).

Finalizada essa parte, o próximo passo foi o ensino do uso da pontuação. Como o livro didático oferece somente o uso da vírgula, e sendo necessário o uso dos outros tipos de pontuação, foi preciso que recorresse ao apêndice do livro do professor para apresentá-los aos outros indicadores de pontuação, levando em consideração que no 6º ano já devemos ensiná-los a produzir um texto bem e que tenha sentido.

Ademais, foi pedido que os estudantes reescrevessem o mesmo trecho, mas agora tentando pontuá-lo de forma correta e que dê o mesmo sentido que o trecho original.

Apresentamos as transformações da pontuação de escrita na primeira e segunda versão dos alunos que demonstra aproximações da escrita do texto lido na sala de aula.

QUADRO 5 – TEXTOS (RE)ESCRITOS

1ª versão	2ª versão
<p>• Aluna A</p> <p>A sereiazinha ergueusi da espuma e, seu espitiro juntosi ão demais onde esto indo? Perguntou sua vois era doçi como a das aumas ão céu com o espíritos do ar respondeu as aumas! Vocênão possuia auma mais como nois conseguiu uma. Porque tinha um coração que sabe ama e de duar. A sereiazinha ergeu o seu braço em direção ão sol de deus ão futruar sobre o barco ela viu o prinsipé e sua esposar olhando pesarosos para o mar como se soberssi qui ela ouvia jogado nas ondas envisivo ela beijo o prinsepi e sorrio para ele então juntose ão espirito do ar subio numa nuvir rosa que passava e comeso sua jornada.</p>	<p>• Aluna A</p> <p>A sereiazinha hergueu-se da espuma e juntou-se aos demais – aonde estou indo? Perguntou. Sua voz era doce como a das almas.</p> <p>– aos céus com os espíritos do ar responderam as almas.</p> <p>– você não possuía alma mais como, noi, conseguiu uma por que tem um coração que sabe ama e se doa.</p> <p>A sereiazinha hergue seus braços em direção ao sol de Deus</p> <p>Ao flutuar sobre o barco ela vio o príncipe e sorrio para ele</p> <p>Então juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.</p>
<p>• Aluna B</p> <p>A sereiazinha ergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais, aonde estou indo? Perguntou, sua voz era doce como a das almas, aos céus com os espíritos do ar, responderam as almas: você não possuía alma, mas como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.</p> <p>A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa, olhando pesarosos para o</p>	<p>• Aluna B</p> <p>A sereiazinha ergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais.</p> <p>– Aonde estou indo? Perguntou.</p> <p>Sua voz era doce como a das almas.</p> <p>A – Aos céus com os espíritos do ar. Responderam as almas.</p> <p>A – Você não possuía alma mas, como nós, conseguiu uma porque tem um coração que sabe amar e se doar.</p>

mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas invisível ela beijou o príncipe e sorriu para ele, então juntou-se aos espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

- **Aluna C**

A sereiazinha hergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais. Aonde estou indo? Perguntou, sua voz era doce como a das almas, aos céus com os espíritos do ar. Responderam as almas: você não possuía auma mais conseguiu uma. Por que tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha hergueu seues braços em direção ao sol de deus ao flutuar sobre o barco ela vio o príncipee sua esposa olhando pesarosos para o mar como se soubessem que ela avia jogado nas hondas invisível ela beijou o príncipe e sorriu para ele Então juntou-se aos espíritos do ar subio numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

- **Aluno D**

A sereiazinha ergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demas, “aonde estou indo?” perguntou, sua voz era doce como a das almas, “aos céus com os espíritos do as, responderam as almas: você não possuía alma, mas como nós, conseguii uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa, olhando pesarosos para o

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus. Ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia sido jogado nas ondas. Invisível, ela beijou o príncipe e sorriu para ele. Então, juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

- **Aluna C**

A sereiazinha hergue-se de espuma, e seu espirito juntou-se aos demais. – aonde estou indo? Perguntou, sua voz era doce como a das almas.

- aos céus, com os espíritos do ar. Responderam as almas.

- você não possui auma mais como nos consegio uma. Por que tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha hergueu seus braços em direção ao sol de Deus, ao flutuar sobre o barco, ela vio o príncipe esua esposa olhando pesarosos para o mar como se soubecem que ela avia jogando nas ondas invisível.

Ela beijou o príncipe e sorriu para ele. Então, juntou-se aos espíritos do ar, subio numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.

- **Aluno D**

A sereiazinha ergue-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais.

– Aonde estou indo? – perguntou.

Sua voz era doce como a das almas.

– Aos céus com os espíritos do ar. Responderam as almas.

- Você não possuía alma mas, como nós, conseguii uma porque tem um coração que sabe amar e se soar.

<p>mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas, invisível ela beijou o príncipe e sorriu para ele, então juntou-se aos espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.</p>	<p>A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus. Ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia sido jogada nas ondas.</p> <p>Invisível, ela beijou o príncipe e sorriu para ele. Então juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começa sua jornada.</p>
--	--

Com a transcrição, pudemos perceber que o uso da pontuação melhorou significativamente, com erros relevantes para um aluno do 6º ano do ensino fundamental. Quanto aos erros gramaticais, por hora, não foram corrigidos, levando em conta o foco voltado para a pontuação.

Os textos dos alunos B e D ficaram parecidos tanto na estrutura como no uso da pontuação. Um motivo que pode justificar isso é que na escola não livro para todos os alunos da série e como são amigos desde o maternal, eles estavam dividindo a mesma carteira e acabaram fazendo “em dupla”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o objetivo principal do ensino da Língua Portuguesa expandir as habilidades de leitura e escrita, esta pesquisa visa desenvolver estratégias de cunho interacional e sociodiscursivo que facilitem a compreensão dos gêneros textuais e da pontuação, expandindo a coesão, a coerência e a produção textual.

Através de uma pesquisa feita em campo, verificamos a dificuldade do aluno em produzir textos e usar a pontuação, chegando à conclusão que não utilizam adequadamente os elementos gramaticais e coesivos. Com o ensino voltado para os gêneros e a pontuação, o estudante produz melhor e obtém resultados satisfatórios visto que ele tem plena consciência do que está dizendo e sabe como expressar o seu pensamento de modo que seja entendido o que quer ser dito.

O ensino do uso da pontuação nas escolas é dado de forma fragmentada e muito superficial, apresentando no livro didático um ou dois sinais. O estudo da pontuação é de extrema importância para o aluno, não só na vida estudantil, mas também na vida pessoal, além de aguçar o desenvolvimento linguístico oral e escrito. Para tanto, é preciso introduzir mais abordagens relacionadas ao ensino do uso dos sinais de pontuação, tendo em vista que estes marcam o sentido e estão presentes em nosso dia-a-dia.

É preciso buscar meios que favoreçam um ensino de qualidade durante o processo educacional, incluindo os gêneros textuais no processo de aprendizagem de forma ativa. Neste caso, foi proposto o ensino da pontuação atrelado ao gênero conto numa perspectiva enunciativa-discursiva. A junção da pontuação a um gênero textual desempenha uma melhor compreensão quanto às funções exercidas pela pontuação e a construção de sentido dos enunciados.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Andersen: A Pequena Sereia**. São Paulo: Editora Melhoramentos LTDA, 2004.

ARAÚJO, Lucy aparecida Melo. OLIVEIRA, Tania Amaral. SILVA, Cícero de Oliveira. SILVA. **Tecendo Linguagens 6º ano**. 5º ed. São Paulo: Editora IBEP, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Marins Fontes, [1979] 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano; organização** Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. São Paulo: Mercado das Letras, 2006.

DAHLET, Veronique. **As (man)obras da pontuação: uso e significações**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; 2006.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **Refletindo sobre a pesquisa – ação**.

JOLLES, Andre. **Formas simples**. São Paulo. CULTAIX, 1976.

MARCUSHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

ROCHA, Iuta Lerche Vieira. **A aquisição da pontuação na escrita infantil: uso e saberes de crianças na escrita de narrativas**. Tese (Doutorado em Linguísticas Aplicada ao Ensino de Línguas). São Paulo: PUC, 1994.

_____. **O sistema de pontuação na escrita Ocidental**. DELTA, São Paulo, V. 13,1997.

ANEXOS

ANEXO I

data
 fecha
 0 2 / 0 5 / 2 0 2 2
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

Aluna: Kamilla Biorea de Jesus Lima Data: 02/05/2022

A sereiazinha ergueu a espuma e seu espírito e juntou-se às demais ondas deste modo? Perguntei sua vovó era desfi, como a das aúmas às cui com o espírito de Or respondeu os aúmas! Você não parecia aúma mais como pois conseguiu uma. Porque tinha um coração que sobe o mar e se duor.

A sereiazinha ergiu o seu braço em direção ao sol de duas às futuras sobre o braço ela viu o Príncipe e sua esposa alhondo Perceiros. Para o mar como se saltasse que ela curia jogado nas ondas envereadas da briga o Príncipe e sorriu para ele então juntou-se ao espírito de Or subiu numha nuvem rosa que passava e comersua formada.

A menina hurgur-se do espumo e seu espírito juntou-se aos demais — donde estão indo? perguntou. Sua voz era doce como a das almas

— Os que com os espíritos do ar responderam as almas.

— Você não possui alma mais como, meu, Ameguis uma por que tem um coração que sabe amar e se doa.

A menina hurgur seus braços em direção ao sol de Deus

to flutuar sobre o barco do rio o príncipe a sermo para ele.

Então juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numo pauvem rosa que passava e começou sua jornada.

Aluna = Kamilla Bianca de Jesus Lima

ANEXO II



Aluno: Maria Antônia Santos Santana

A sereiazinha ergueu-se da espuma e seu espírito juntou-se ao demais, aonde estava umido? perguntou, sua voz era doce como a das almas, aos céus com os espíritos do ar, responderam as almas: você não possuía alma, mas como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao céu de Deus ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa, alheios aos pesares para o mar, como se saubessem que ela havia jogado nas ondas invisível do lugar o príncipe e sorriu para ele, então juntou-se aos espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.



Maria Antônia Santos Santana

A sereiazinha ergueu-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais.

— Onde estão indo? perguntou.

☆ Sua voz era doce como a das almas.

— Ao céu com os espíritos do ar. Responderam as almas.

— Você não possuía alma? Não, como nós, conseguiu uma porque Iaiá, um coelho que sabe amar e se doar.



A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao céu de Deus. Ao flutuar sobre o mar, ela viu o príncipe e sua esposa alheios aos perigos para o mar, como se vissem que ela havia sido dega do mar andar. Anunciou, ela levou o príncipe e sorriu para ele. Em Iaiá, juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa ☆ que passava e começou sua jornada.

FORONI



ANEXO III

02.05.2022

Aluna: Mariana Tomás Santos

A sereiazinha herqueu-se da espuma
e seu espírito juntou-se aos demais.

Onde estão indo? Perguntou, sua voz
era doce como a das almas, e as
almas com os espíritos do ar, respon-
deram as almas: não passava au-
ma mais como nos conseguimos uma, por que
sem um coração que sabe amar e se doar.

A sereiazinha herqueu seus braços
em direção ao Sol de Deus, e ele flutuou
sobre o ~~mar~~ branco do rio e príncipe e
sua esposa olhando para eles para o
mar como se quisessem que ela não fugisse
mas ondas invisíveis da brisa o príncipe
e levou para ele. Então juntou-se aos espí-
ritos do ar e todos numa nuvem rosa
que passava e começou sua jornada

A bruxinha surgiu-se de espuma
 e seu espírito juntou-se aos demais
 — Onde estou indo? Perguntou, sua voz era doce
 como a das almas.

— Lá eu, como os espíritos do ar. Responderam as
 almas.

— Não mãe possui alma mais como nos conse-
 gue uma. Por que tem um coração que sabe amar
 e se doar.

A bruxinha levantou seus braços em direção
 ao sol de Deus, ao flutuar sobre o mar, de seu o-
 príncipe e sua esposa olhando para o mar como se

revelassem que ela avia jogado nas ondas in-
 visíveis.

Ela beijou o príncipe e sorriu para ele. Então,
 juntou-se aos espíritos do ar, sobre numa nu-
 vem rosa que passava e comou sua jornada.

Memo = Mariana Santos Santos.

ANEXO IV

data
fecha

D	S	T	Q	Q	S	S
D	L	M	M	J	V	S

Tocio gabriel de Jesus Santos

A srtazinha ergueu-se da espuma e seu espírito juntou-se aos demais, "onde estão indo?" perguntou, sua voz traía dor como a das almas, "as céu com os espíritos do ar" responderam as almas, "talvez não possuía alma, mas como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que salta amor e se doar."

A srtazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus ao flutuar sobre o barco, ela viu o príncipe e sua esposa, quando passaram para o mar, como se saltassem que ela havia jogado nas ondas, intuído ela deixou o príncipe e serviu para ele, então juntou-se aos espíritos do ar, saltou numa nuvem com que passou e começou sua jornada.

Tocio Gabriel de Deus Santos

A sereiazinha ergueu-se da espuma e seu espírito juntou-se às demais.

- Onde estão indo? perguntou.

Sua mãe lhe disse como a das outras.

- Aos céus com os espíritos do ar. Responderam as outras.

- Você não possui alma mas, como nós, busque uma porque tem um coração que sabe amar e se doar.



A sereiazinha ergueu seus braços em direção do sol de Deus. Ao flutuar sobre o mar, ela viu o príncipe e sua esposa alhambra flutuando para o mar, como se saíssem que ela havia sido jogada no mar.

Imediatamente, ela deixou o príncipe e correu para ele. Então juntou-se aos outros espíritos do ar e saiu numera rosa que passava a começar sua jornada.

ANEXO IX

Longe, bem longe, nas profundezas do mar, a água é de um azul intenso, mas muito clara e transparente. No local mais profundo ficava o palácio do Rei do Mar. Ele era viúvo havia muitos anos, e sua velha mãezinha cuidava de tudo na casa.

O rei tinha seis filhas, as princesinhas domar, uma mais linda que a outra. Contudo, a mais nova era a mais bela. Sua voz suave e afinada encantava a todos que a ouviam. Seu corpo, assim como o de suas irmãs, terminava num rabo de peixe.

Durante todo o dia as princesas brincavam no palácio, onde flores cresciam nas paredes. As grandes janelas ficavam abertas para que os peixes pudessem entrar e sair. Eles nadavam até as princesinhas, comiam em suas mãos e deixavam-se acariciar.

A avó das princesas gostava de contar histórias, e as de maior sucesso eram as que falavam do mundo dos humanos.

A Pequena Sereia era a que mais gostava de ouvir histórias sobre o mundo dos humanos.

–No seu décimo quinto aniversário – prometeu a velha rainha – você poderá nadar até a superfície.

As irmãs da princesa subiam à superfície quando completavam quinze anos. Quando voltavam, contavam tudo o que viam. As luzes das cidades, as torres das igrejas, os pássaros voando em bando, as crianças nadando na praia, as casas rodeadas de árvores carregadas de frutos. O céu estrelado nas noites de lua, os golfinhos dando cambalhotas e as baleias esguichando água como chafarizes. No inverno, o céu ficava escuro e icebergs de todas as formas vagavam no mar sem fim.

Um dia, finalmente, a princesa mais jovem completou quinze anos. Chegara o momento de ver aquelas maravilhas!

A velha rainha, sua avó, colocou uma grinalda de lírios brancos em sua cabeça, e a sereiazinha acenou alegremente enquanto subia à superfície.

Chegando à superfície, a Pequena Sereia avistou um grande navio, onde se realizava uma festa. O convés estava tão bem iluminado que ela viu um jovem príncipe. E como ele era bonito! Inesperadamente, começou uma terrível tempestade! Relâmpagos rasgaram a noite, as águas

encrespavam, e o navio sacudiu de um lado para outro. Até que seu grande mastro se partiu e a embarcação começou a afundar. Nesse instante, a sereiazinha avistou o Príncipe sendo jogado entre as ondas e conseguiu nadar. Ela o alcançou e, erguendo a cabeça do rapaz acima da água, deixou que o mar o levasse para perto da praia.

Quando amanheceu, a Pequena Sereia nadou até a praia e deitou o Príncipe sobre a areia. De repente, sinos de uma igreja próxima repicaram e várias garotas correram para a praia. A sereiazinha se escondeu e viu quando uma delas encontrou o Príncipe na areia. Nesse momento, ele abriu os olhos e sorriu para ela. As jovens o levaram embora, e a sereiazinha voltou para o palácio.

A partir daquele dia, a sereiazinha se tornou triste e quieta. Às vezes nadava pelo mar até o local onde tinha deixado o Príncipe. Mas não o viu mais.

Certo dia, ela não aguentou o sofrimento e contou tudo a suas irmãs.

–Venha, irmãzinha! –disseram as princesas. Abraçadas, elas emergiram em frente ao castelo do Príncipe.

Depois que a sereiazinha ficou sabendo onde o Príncipe morava, voltava sempre ao castelo e conseguia vê-lo de longe. Estava feliz por ter salvado a vida dele, mas ao mesmo tempo estava triste, porque o Príncipe não sabia da sua existência.

A Pequena Sereia começou a gostar cada vez mais dos humanos. Decidiu, então, falar com sua avó, que lhe explicou que os humanos tinham uma alma imortal. Depois da morte, essa alma subia em direção às estrelas e seguia para lugares maravilhosos e desconhecidos, que o povo do mar nunca veria.

–Por que nós não temos uma alma eterna? –perguntou a Pequena Sereia. – Eu daria os meus trezentos anos de vida por apenas um dia entre os humanos e a chance de conhecer esse mundo celestial! O que eu posso fazer para ganhar uma alma eterna, vovó?

– Só existe um modo – respondeu a senhora. – Se um homem se apaixonar por você.

A princesinha sorriu, pensando em seu príncipe.

– No momento em que se casarem – continuou a avó – a alma dele fluirá para o seu corpo, e você ficará plena de felicidade. Ele poderá lhe dar uma alma e ainda manter a própria...Mas é

melhor você esquecer. Podemos nadar e nos divertir por trezentos anos. Lembre-se de que hoje temos um baile no palácio!

Contudo, enquanto os outros dançavam, a sereiazinha saiu do palácio e foi em direção à casa da bruxa domar. Embora aquilo fosse perigoso, ela estava disposta a arriscar tudo para realizar o desejo de seu coração. No caminho havia uma estranha floresta, onde árvores com galhos finos e compridos tentavam agarrar tudo o que por ali aparecia. Depois de enfrentar muitos perigos, finalmente ela chegou à clareira onde ficava a casa da bruxa do mar.

– Eu sei muito bem o que você quer – disse a bruxa. –É um erro seu. Mas vou ajudá-la assim mesmo, porque isso lhe trará infelicidade. Você deseja que o Príncipe se apaixone por você para que consiga uma alma eterna? Pois então vou lhe preparar uma poção mágica que você deverá beber na praia antes do nascer do Sol. Seu rabo de peixe se dividirá em dois, transformando-se em pernas. Mas saiba que essa mudança será dolorosa e que, depois de assumir a forma humana, você não poderá mais voltar a ser sereia. E, se você não conseguir conquistar o amor do Príncipe, não ganhará sua alma eterna.

Mesmo assustada, a princesinha continuou a escutar a bruxa.

–Na primeira manhã após ele se casar com outra, seu coração vai se partir e você se tornará espuma nas ondas do mar. É claro que terá que pagar por isso. Eu quero o que você tem de melhor: a sua voz.

E assim foi feito. A pobre sereiazinha não podia mais falar nem cantar.

Quando anoiteceu, ela chegou à praia. Bebeu então a poção ao luar e desmaiou de dor. Ao nascer do sol, ela acordou sob o olhar fixo do Príncipe. No lugar do rabo de peixe havia duas belas pernas.

O Príncipe perguntou quem era ela, mas a sereiazinha apenas o olhou com tristeza. Suas pernas doíam, mas ela conseguiu subir as escadas do palácio com muita graciosidade, e todos a admiraram. Depois, foi vestida com os tecidos mais finos e luxuosos da corte.

Ela recebeu permissão para, de noite, dormir junto à porta do quarto do Príncipe. De dia cavalgavam pelas florestas e escalavam montanhas. À noite, ela refrescava seus pés em brasa na água fria do mar. E continuou a fazer isso durante muitas noites. Nessas horas, ela pensava em sua família no fundo do mar.

–Você é a pessoa mais adorável que já conheci –disse-lhe o Príncipe. –E me lembra uma garota que vi certa vez, quando fui trazido à praia após o naufrágio. Aquela garota salvou minha vida e é a única que eu poderei amar em todo o mundo.

“Ele não sabe que fui eu quem salvou sua vida”, pensou a sereiazinha. “Eu vi a garota que o encontrou, que ele ama mais do que a mim. Mas, pelo menos, agora estou aqui e vou dedicar minha vida a ele.”

Um dia o rei anunciou que o príncipe deveria se casar. Ele iria desposar a filha de um rei vizinho, e um grande navio foi equipado para a viagem. A sereiazinha foi convidada para viajar com eles.

–Meus pais querem que eu me case com essa princesa –disse ele à Pequena Sereia. –Mas nunca poderei amar outra mulher a não ser a garota que salvou minha vida, e acho que jamais a verei novamente. Se devo me casar, preferia que fosse com você, minha amiga.

E, assim, o navio partiu em direção ao reino vizinho. Na manhã seguinte, quando chegaram à cidade, os sinos da igreja repicavam para saudar o Príncipe.

Quando a Princesa surgiu, o Príncipe, maravilhado, exclamou:

–É você! Foi você quem me salvou quando naufraguei. Meus sonhos se tornaram realidade.

Ele virou-se para a sereiazinha e completou:

–Tenho certeza de que você vai compartilhar da minha felicidade, pois ninguém me ama como você.

A pequena sereia beijou a mão do Príncipe, mas sentiu o coração se despedaçar. O casamento dele significava a morte para ela.

Depois da festa, os noivos se recolheram. Fez-se silêncio. A sereiazinha encostou-se na amurada e olhou na direção da alvorada. Ela sabia que os primeiros raios de sol a matariam. Então ela viu suas irmãs aparecerem no mar. Seus longos cabelos tinham sido cortados.

–Oferecemos nossos cabelos para a bruxa domar, para que você não precise morrer esta noite –disseram as sereias. – A bruxa nos deu uma faca. Antes do amanhecer, você deve enterrá-la no coração do Príncipe e, quando o sangue dele atingir seus pés, você se tornará novamente

uma sereia e viverá seus trezentos anos. Depressa! Um dos dois deve morrer. Mate o Príncipe e volte.

As princesas jogaram a faca a bordo e desapareceram entre as ondas.

A faca tremeu na mão da Pequena Sereia. Ela espiou pela cortina dos aposentos dos noivos. Pela última vez, a sereiazinha olhou para o rosto do príncipe adormecido. Voltou para a amurada e atirou a faca ao mar. As ondas tornaram-se vermelhas. Depois ela se jogou na água.

O sol nasceu. Seus raios eram quentes e gentis sobre a espuma mortalmente fria do oceano. A sereiazinha não sentiu a morte.

Ela viu centenas de espíritos dançando sobre ela. Suas vozes eram tão melodiosas que ouvidos humanos não conseguiam ouvi-las, assim como os olhos humanos não podiam ver os espíritos. Eles não tinham asas, mas mesmo assim flutuavam alegremente no ar. A sereiazinha ergueu-se da espuma, e seu espírito juntou-se aos demais.

– Aonde estou indo? – perguntou. Sua voz era doce como a das almas.

– Aos céus, com os espíritos do ar! – responderam as almas. – Você não possuía alma, mas, como nós, conseguiu uma, porque tem um coração que sabe amar e se doar. Nós voamos pelo mundo soprando uma brisa fresca nas pessoas que sofrem. Espalhamos aroma de flores pelo ar e o levamos a quem necessita. Após termos feito todo o bem que nos foi possível fazer por trezentos anos, conquistamos uma alma eterna.

A sereiazinha ergueu seus braços em direção ao sol de Deus. Ao flutuar sobre o barco, ela viu o Príncipe e sua esposa olhando pesarosos para o mar, como se soubessem que ela havia jogado nas ondas. Invisível, ela beijou o Príncipe e sorriu para ele. Então, juntou-se aos outros espíritos do ar, subiu numa nuvem rosa que passava e começou sua jornada.